

Último round

Senado Federal

- Antonio Carlos Magalhães espalhou o terror nas últimas horas, mas renunciou com um discurso qualificado. Não apresentou uma só denúncia, mas fez o Senado ouvir calado e tenso as mais duras críticas já feitas à Casa, de corpo presente. Nada de apartes, quanto antes aquilo acabasse, melhor. Para FH, apenas críticas, duras críticas, que o Planalto atribuiu ao ódio. Por sinal, recíproco.

Conseqüência política imediata, ao contrário do que se temia, o discurso não trará. Nem para o Senado nem para o governo. ACM fez sua vingança catártica, desqualificou os algoritmos, apontou suas fraquezas e a da própria Casa, governada pela opinião pública, zombou dos que o bajulavam há tão pouco tempo. Fez seu rito de passagem, tentou crescer na queda.

Ele falava e cada um conversava com seus botões e sentimentos. Heloísa Helena, personagem importante nesse drama, a mulher de quem talvez ACM tenha ouvido os maiores desafetos nesta vida, segurava o queixo por muito tempo. Depois foi rabiscar o discurso que faria após a saída de ACM. Dutra, petista por quem ACM diz ter tido amor paternal, usou seu cachimbo o tempo todo. Quando não fumava, o examinava. O duro Roberto Requião, surpreendentemente contrário ao processo, balançava-se na cadeira. Íris Rezende tirou e pôs os óculos dezenas de vezes. Ramez Tebet, impassível, como se não fossem para ele os ataques ao presidente do Conselho de Ética. Pedro Simon, acusado de freqüentar o conselho de que não é membro para aparecer na TV, conteve sua compulsão gestual. Emilia Fernandes contemplava as próprias unhas pintadas de vermelho. Ela atribui a ACM o boato recente de que votou também a favor de Luiz

Estevão. Caras, bocas, gestos, tudo dissimulava o secreto júbilo da maioria. Tristeza com o desfecho, fora do PFL (Hugo Napoleão não conteve as lágrimas), só dois senadores confessaram: Tião Viana (PT) e Paulo Hartung (PPS).

ACM tentou a saída heróica e o Senado aceitou pragmaticamente o jogo. Saiu para não ser cassado, e ante o clamor da parcela mais crítica e ativa da cidadania para que fosse punido e proscrito. Além da primeira vingança, antes que venha a outra, o retorno pelas urnas, o que buscou foi o eco no eleitorado da Bahia. Disso teremos notícia no ano que vem. Ele ainda é um colosso em seu estado, "uma legenda viva", como se definiu, mas a Bahia já não é a mesma desde a eleição municipal passada, quanto o petista Nelson Pelegrino teve em Salvador uma votação que assustou o carlismo. O PT avançou muito.

Em matéria de forma, por falar na "legenda viva", o discurso claro e forte, alentado por boas citações — Voltaire, Rui Barbosa, Nabuco, Kant, Pilatos... — pecou pelo excesso de auto-referências elogiosas. Vaidade, tudo vaidade, mas na queda precisamos muito dela.

Foi-se um raio que passou pelo Senado. Deixou sua marca. Daqui para a frente, aquela Casa não pode vacilar. Todo deslize terá que ser punido, e, pelo visto, com cassação.